



10 Anos TRAÇA - Mostra de filmes de arquivos familiares

Fátima Tomé^a Joana Pinheiro^b Marta Gomes^c

^a Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal, Portugal, fatima.ribeiro@cm-lisboa.pt

^b Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal, Portugal, joana.pinheiro@cm-lisboa.pt

^c Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal, Portugal, marta.gomes@cm-lisboa.pt

Resumo

A TRAÇA – Mostra de Filmes de Arquivos Familiares é uma iniciativa promovida desde 2015 pelo Arquivo Municipal de Lisboa/Videoteca, que visa a recolha, preservação, digitalização e divulgação de filmes amadores e de família. A partir de suportes hoje obsoletos, o projeto procura salvaguardar memórias privadas e quotidianas que constituem importantes testemunhos da história social e urbana de Lisboa.

Assente na colaboração dos cidadãos, a TRAÇA transforma estes arquivos íntimos em momentos de reflexão sobre a memória coletiva da cidade. Cada edição da Mostra adapta-se ao território que a acolhe, estabelecendo relações entre os filmes exibidos, os contextos locais e as comunidades. Para além das projeções, integra oficinas, conversas e outras iniciativas que promovem a participação dos públicos e a valorização do património audiovisual.

A TRAÇA afirma-se, assim, como um exemplo do papel ativo que os arquivos municipais podem assumir na preservação, valorização e disseminação da memória coletiva.

Palavras-chave: Mostra de filmes amadores, Memória colectiva, Arquivos de família, TRAÇA.

Em 2025, a TRAÇA [Mostra de Filmes de Arquivos Familiares] celebrou uma década de vida, marcando um percurso singular na preservação e divulgação da memória da cidade de Lisboa através do olhar íntimo e pessoal dos seus habitantes e visitantes. Ao longo destes dez anos, a TRAÇA tem tecido uma tapeçaria rica e diversificada de histórias, capturadas em película pelos anónimos cineastas.

A essência deste projeto alimenta-se sobretudo da generosidade dos cidadãos que confiam ao Arquivo Municipal de Lisboa/Videoteca (AML/Videoteca) os seus preciosos filmes de família. Estas bobines e cassetes, muitas vezes guardadas em caixas empoeiradas, outras descartadas e resgatadas em feiras, oferecem vislumbres únicos sobre o quotidiano, os rituais, as celebrações e as transformações da cidade e do território. Longe da história oficial, estes filmes amadores constroem uma narrativa paralela, feita de afetos pelo olhar de quem filma, de lugares significativos e de momentos que, embora privados, se projetam na memória coletiva. Estes arquivos íntimos ajudam assim a confirmar o que já suspeitávamos, que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 1990).

A TRAÇA nasceu de uma inquietação, de uma vontade de ligar pontos e de dar visibilidade a narrativas muitas vezes silenciadas; desta forma o AML/Videoteca não se limitou a recolher e arquivar estes filmes, mas filmes, mas transformou-os em matéria viva, projetada em mostras a acontecer no território. Aventura-se assim em locais desconhecidos, explorando a intersecção entre arte, educação, cultura e intervenção social. Cada edição desta Mostra permite-nos visitar ruas, bairros e rostos que moldaram (e moldam) a identidade da cidade, ao mesmo tempo que projetamos um enorme mapa imaginário no seu traçado real.

Desde 2014, o AML/Videoteca mantém aberta em permanência a recolha de filmes de arquivos familiares, com o objetivo de preservá-los e digitalizá-los, contribuindo, desta forma, para a salvaguarda de memórias privadas e quotidianas que constituem importantes testemunhos da história social e urbana de Lisboa. A partir de suportes hoje considerados obsoletos, como películas de formato reduzido (9,5 mm, 8 mm, 16 mm e Super8) e cassetes de vídeo (U-Matic, Betacam SP, DV, DVD, Mini-Dv, Dvcam, Mini-Dvcam, HDV, VHS, Video 8, VHS-C, HI 8), é assegurada a transcrição para ficheiro digital, assim como a devolução dos originais aos detentores e a entrega de uma cópia digital das imagens.

O Gráfico 1 evidencia a evolução do volume de imagens transcritas e integradas no AML/Videoteca, que ultrapassam já as 400 horas de conteúdos preservados. Os dados revelam um crescimento irregular, marcado por oscilações anuais que refletem fatores como a complexidade técnica dos materiais recolhidos, a dimensão das recolhas efetuadas e a disponibilidade de recursos técnicos e humanos. Destacam-se anos de maior intensidade de incorporação, em particular o pico de 6076 minutos em 2024, que demonstra a consolidação do projeto e a crescente adesão dos particulares a esta iniciativa.

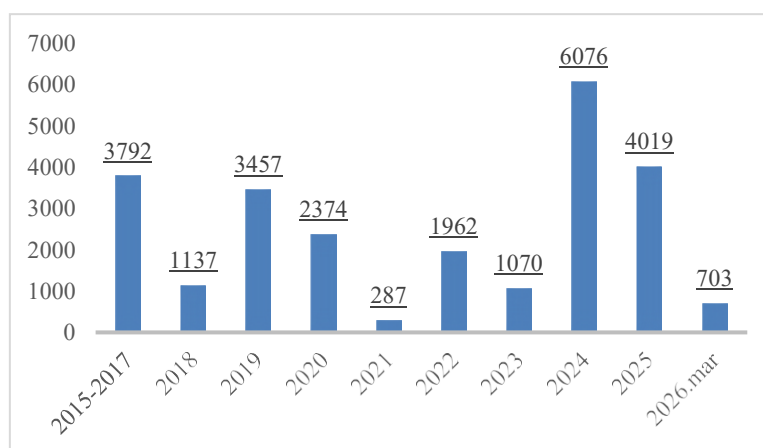


Gráfico 1 Minutos de imagens transcritas e inseridas no Arquivo Municipal de Lisboa/Videoteca, totalizando mais de 400 horas

A análise cruzada dos dois gráficos evidencia que os momentos de maior incorporação de imagens no AML/Videoteca não coincidem necessariamente com os picos de público registados nas diferentes edições da TRAÇA. Embora algumas edições tenham alcançado níveis particularmente elevados de participação, refletindo o sucesso da programação cultural pensada para os dias da Mostra, esses momentos nem sempre correspondem aos anos de maior angariação de materiais.

Os dados sugerem, assim, a existência de dinâmicas distintas, ainda que complementares: por um lado, a

recolha e digitalização dos arquivos familiares; por outro, a capacidade de mobilização dos públicos e de valorização das iniciativas TRAÇA.

Ao longo desta década, a TRAÇA tem-se, assim, afirmado como um espaço de preservação, valorização e disseminação da memória audiovisual da cidade, cruzando a salvaguarda do património com a participação e a intervenção cultural no território. Entre a recolha de arquivos familiares, a sua digitalização e a projeção pública destes filmes, o projeto tem contribuído para transformar memórias privadas em património coletivo, reforçando o papel do AML/Videoteca na construção e transmissão da memória social e urbana de Lisboa.

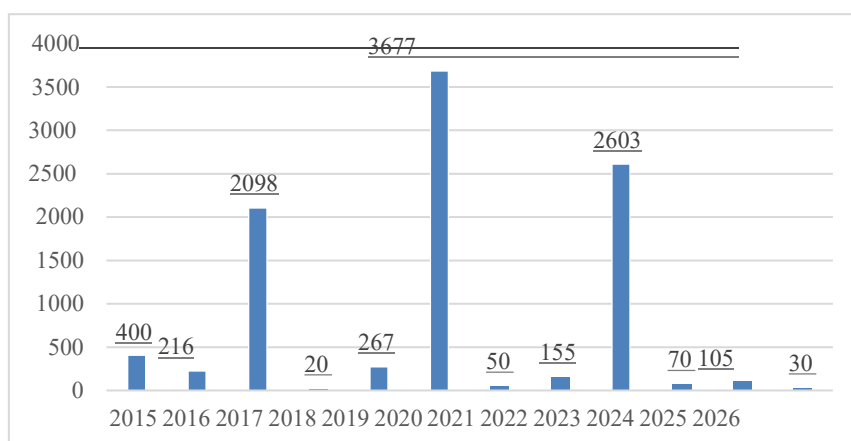


Gráfico 2 Número de espectadores ao longo dos anos nos diferentes momentos da TRAÇA

A análise cruzada dos dois gráficos evidencia que os momentos de maior incorporação de imagens no AML/Videoteca não coincidem necessariamente com os picos de público registados nas diferentes edições da TRAÇA. Embora algumas edições tenham alcançado níveis particularmente elevados de participação, refletindo o sucesso da programação cultural pensada para os dias da Mostra, esses momentos nem sempre correspondem aos anos de maior angariação de materiais.

Os dados sugerem, assim, a existência de dinâmicas distintas, ainda que complementares: por um lado, a recolha e digitalização dos arquivos familiares; por outro, a capacidade de mobilização dos públicos e de valorização das iniciativas TRAÇA.

Ao longo desta década, a TRAÇA tem-se, assim, afirmado como um espaço de preservação, valorização e disseminação da memória audiovisual da cidade, cruzando a salvaguarda do património com a participação e a intervenção cultural no território. Entre a recolha de arquivos familiares, a sua digitalização e a projeção pública destes filmes, o projeto tem contribuído para transformar memórias privadas em património coletivo, reforçando o papel do AML/Videoteca na construção e transmissão da memória social e urbana de Lisboa.

Bibliografia

Baptista, T. (2012). Das 'vistas' ao documentário: A não-ficção muda em Portugal. *Panorama 2012*, 37-42. CML/Videoteca.

Brakhage, S. (1971). In defence of the Amateur Filmmaker. *Filmmakers Newsletter*, Verão.

Dias, I. S. (2025). Um cinema sem Nome. *Escritas: Manifestos*, (6), ESAD.CR.

https://www.ipleiria.pt/esadcr/wp-content/uploads/sites/17/2025/09/2025_Ines-Sapeta-Dias.pdf

Foster, L. S. (2010). *Filmes domésticos: Uma abordagem a partir do acervo da Cinemateca Brasileira* [dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos]. Universidade Federal de São Carlos.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Vértice.

Hirsch, M. (1997). *Family frames: Photography, narrative and post memory*. Harvard University Press.

Ishizuka, K. L., & Zimmermann, P. R. (2008). *Mining the home movie: Excavations in histories and memories*. University of California Press.

Lins, C., & Blank, T. (2012). Filmes de família, cinema amador e a memória do mundo. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, 39(37). https://revistas.usp.br/significacao/pt_BR/article/view/71254

Odin, R. (1995). *Le film de famille: Usage privé, usage public*. Méridiens Klincksieck.

Zimmermann, P R. (1995). *Reel families: A social history of amateur film*. Indiana University Press.